

# GOALBALL: UMA PROPOSTA DE INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE CURSOS TÉCNICOS PROFISIONALIZANTES INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO

Jocelyn Gomes Moisés

Sílvia Freire Junior

Instituto Federal do Espírito Santo – IFES

## RESUMO

O presente trabalho insere-se na temática da inclusão de pessoas com deficiência nas aulas de Educação Física. O objetivo é ampliar o olhar dos professores (as) para a formação integral dos alunos e propiciar uma reflexão sobre novos rumos e desafios da disciplina. A proposta metodológica perpassa pelo entendimento concreto sobre o processo inclusivo. A pesquisa se desenvolveu no Instituto Federal do Espírito Santo nos campi de Alegre e Linhares. O método utilizado foi de caráter descritivo e exploratório de natureza qualitativa. A amostra total foi composta por 52 participantes. Questionados sobre o conhecimento da modalidade *Goalball*, 39 alunos (as) disseram que nunca tinham ouvido falar sobre o esporte e 13 alunos (as) já tinham ouvido falar, mas nunca haviam praticado. No que diz respeito a importância do *Goalball* nas aulas de Educação Física, 01 aluno (a) respondeu que não tinha nenhuma importância, 08 alunos (as) responderam ter pouca importância e 43 alunos (as) consideram o conteúdo muito importante. Por fim, perguntados se consideram que essa experiência pode contribuir com a reflexão sobre o processo inclusivo das pessoas com deficiência, somente 01 aluno (a) respondeu que não considera e 51 alunos (as) responderam que consideram. Concluímos, então, que o *Goalball* pode ser um importante conteúdo da educação física e excelente oportunidade para que os alunos (as) e professores (as) reflitam sobre a relevância da inclusão de pessoas com algum tipo de deficiência na comunidade escolar ou em qualquer outro espaço da sociedade.

**Palavras-chave:** *Goalball*. Educação Física. Inclusão.

## GOALBALL: A PROPOSAL FOR INCLUSION PHYSICAL EDUCATION CLASSES FOR PROFESSIONALIZING TECHNICAL COURSES INTEGRATED TO HIGH SCHOOL

## ABSTRACT

The present work is part of the theme of inclusion of people with disabilities in Physical Education classes. The objective is to broaden the teachers view towards the integral formation of students and provide a reflection on new directions and challenges of the discipline. The methodological proposal goes through the concrete understanding of the inclusive process. The research was carried out at the Federal Institute of Espírito Santo on the Alegre and Linhares campuses. The method used was of a descriptive and exploratory character of a qualitative nature. The total sample consisted of 52 participants. Asked about their knowledge of *Goalball*, 39 students said they had never heard of the sports and 13 students had heard of it, but had never practiced. Regarding the importance of *Goalball* in Physical Education classes, 01 student (a) replied that it was of no importance, 08 student (s) replied that it was of little importance, and 43 student (s) considered the content very important. Finally, when asked if this experience can contribute to the reflection on the inclusive process of people with disabilities, only 01 students answered that they do not consider and 51 students answered that they do. We concluded, that *Goalball* can be an important content of physical education and an excellent opportunity for students and teachers to reflect on the relevance of including people with some type of disability in the school community or in any other space of society.

**Keywords:** *Goalball*. Physical Education. Inclusion

## INTRODUÇÃO

A inclusão de pessoas com algum tipo de deficiência em escolas regulares tem contribuído para ampliar as discussões acerca dessa temática. Pensar em educação inclusiva no cotidiano escolar e mais precisamente nas aulas de Educação Física nos dias atuais, leva os professores dessa disciplina a refletir como essa importante questão pode ser inserida no planejamento das aulas, como também, quais projetos e ações a escola desenvolve com objetivo de contribuir com o processo de inclusão. Segundo Mantoan (2003, p. 14), “se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos e que reconhece e valoriza as diferenças”.

O dever de ser uma escola inclusiva passa pelas mãos dos professores (as) que atuam diretamente no processo de ensino e aprendizagem dos alunos (as) com ou sem alguma necessidade especial. Contudo, é inegável que os professores (as), em especial os de educação física, necessitem se apropriar de conhecimentos que favoreçam a prática inclusiva no ambiente escolar, independente da presença de alunos (as) com deficiência, garantido a todos a oportunidade de vivenciarem momentos únicos de aprendizado. De acordo com Sánchez (2005, p. 11),

“Por conseguinte, a educação inclusiva deve ser entendida como uma tentativa a mais de atender as dificuldades de aprendizagem de qualquer aluno no sistema educacional e como um meio de assegurar que os alunos, que apresentam alguma deficiência, tenham os mesmos direitos que os outros, ou seja, os mesmos direitos dos seus colegas escolarizados em uma escola regular.”

No âmbito da Educação Física Escolar, trabalhar com modalidades adaptadas surge como uma importante estratégia de ensino com o foco na inclusão, na quebra de paradigmas e preconceitos que permeiam no cotidiano das aulas. De acordo com Mantoan (2003, p. 12),

“A escola se entupiu do formalismo da racionalidade e cindiu-se em modalidades de ensino, tipos de serviço, grades curriculares, burocracia. Uma ruptura de base em sua estrutura organizacional, como propõe a inclusão, é uma saída para que a escola possa fluir, novamente, espalhando sua ação formadora por todos os que dela participam. A inclusão, portanto, implica mudança desse atual paradigma educacional, para que se encaixe no mapa da educação escolar que estamos retrazando. E inegável que os velhos paradigmas da modernidade estão sendo contestados e que o conhecimento, matéria-prima da educação escolar, está passando por uma reinterpretação. As diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim, a diversidade humana está sendo cada vez mais desvelada e destacada e é condição imprescindível para se entender como aprendemos e como compreendemos o mundo e a nós mesmos.”

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394 (BRASIL, 1996) os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência [...] currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicas, para atender às suas necessidades. Nessa linha de pensamento, o *Goalball* surge como uma modalidade capaz de alcançar resultados significativos dentro de uma proposta inclusiva. Pois, é dever da escola trabalhar com questões que favoreçam a diminuição das diferenças, seja ela social, racial, física ou de qualquer outro tipo. De acordo com Darido e Rangel (2008, p.38),

“Se entendemos que todos os alunos têm direitos, enquanto cidadãos, de participar das aulas de educação física, independentemente da cor, etnia, religião, gênero, idade, etc., o problema do professor reside em encontrar alternativas para a não exclusão. Deverá também repensar sua própria prática pedagógica, a fim de torná-la acessível a todos os alunos.”

Diferente de outras modalidades, o *Goalball* surgiu sem a necessidade de adaptação de nenhuma outra modalidade. Ela foi criada para atender, exclusivamente, os soldados que haviam se ferido nos campos de batalha na Segunda Guerra Mundial. No Brasil, o *Goalball* passou a ser praticado em 1985 e hoje configura um importante instrumento de inclusão social e de superação pessoal (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS DE DEFICIENTES VISUAIS, sd).

Dentro de uma perspectiva educacional, a modalidade apresenta-se como ferramenta pedagógica indispensável para a compreensão da realidade e da superação de um pensamento excludente e preconceituoso, fazendo com que as diferenças se aproximem e, cada indivíduo, em sua particularidade se reconheça como ser imperfeito e que veja no outro a perfeição que ele gostaria de ter.

Atualmente, falar sobre inclusão e a importância de se transformar a escola e o processo educativo para pessoas com algum tipo de necessidade especial, que hoje cumpre uma ideia reducionista de integração em um processo inteiramente inclusivo, exige uma extensa caminhada. Pois as dificuldades são inúmeras e perpassa, primeiramente pela família, onde a iniciativa de buscar para a pessoa com deficiência (ainda quando criança) aquilo que lhe é de direito e possa usufruir e se desenvolver plenamente dentro de suas particularidade e potencialidades.

Para tanto, é preciso participação efetiva do poder público através de declarações públicas e utilizando a mídia para formação de parceira com a família e buscar melhores recursos e informações na educação das crianças com deficiência. É necessário, ainda, implementar ações voltadas para acessibilidade, oferta de pessoal qualificado para atendimentos especializados nas escolas, disponibilizar material didático e auxiliar adequados para cada tipo de deficiência.

De acordo com a Declaração de Salamanca (1994, p. 31), tanto as instituições de formação de professores como o pessoal de apoio das escolas especiais podem apoiar as escolas regulares. Não obstante, as instituições de ensino formadoras de profissionais da educação pública ou particulares, deveriam ampliar o olhar na formação dos professores (as) para trabalhar com pessoas com qualquer tipo de deficiência e em todos os níveis da educação.

“As escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas proveem uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 9).”

Em consonância com os deveres e prerrogativas citadas acima, registra-se também a responsabilidade do professor (a), que na ausência de uma formação acadêmica que o habilite a trabalhar de maneira eficaz, dentro de uma perspectiva inclusiva, onde alunos (as) com e sem deficiência dividam a mesma sala de aula, torna-se indispensável uma capacitação, evitando, assim, o comprometimento na qualidade do seu trabalho e uma segregação, mesmo que involuntária no processo de ensino e aprendizagem, causando frustrações e eliminando as chances de se fazer enxergar na disciplina uma oportunidade de romper as barreiras do preconceito e da desconfiança.

A educação inclusiva deve garantir as mesmas condições de oferta e sem que ocorra diminuição na qualidade do processo de ensino e aprendizagem para todos. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015) em seu Estatuto é bem clara ao colocar que é:

“Incumbência do poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar o atendimento educacional especializado, assim como os demais serviços e adaptações razoáveis, para atender às características dos estudantes com deficiência e garantir o seu pleno acesso ao currículo em condições de igualdade, promovendo a conquista e o exercício de sua autonomia.”

Considerando ser de suma importância oportunizar os alunos (as), videntes ou deficientes visuais, a vivência prática de uma modalidade como o *Goalball*, apresentamos neste artigo uma proposta inclusiva nas aulas de Educação Física. Sistemáticamente, uma atividade criada para atender as necessidades de pessoas com deficiência visual foi levada para dentro da sala de aula onde não havia nenhum aluno com esse tipo de deficiência. Ou seja, não se trata da inclusão de nenhum aluno com deficiência visual nas aulas de educação física, mas sim, em apresentar, vivenciar, discutir os valores inseridos nessa ação pedagógica e repensar as práticas cotidianas preconceituosas com relação aos portadores de necessidades especiais. De acordo com Lenci; Muller e Mosquera (2006, p. 41), o portador de deficiência visual é uma pessoa como as demais, com preferências, habilidades, aptidões, dificuldades, interesses e capacidades produtivas necessitando apenas de oportunidade para desenvolver suas potencialidades. Trata-se de uma necessidade de valorização das diferenças, no caso deste trabalho especificamente, nos referimos às pessoas com deficiência visual, haja vista que a modalidade *Goalball* é praticada exclusivamente por pessoas com o grau de visão comprometido ou definitivamente cegas.”

Aproximar os alunos (as) videntes das dificuldades enfrentadas pelos deficientes visuais durante a prática de uma modalidade esportiva, com objetivo de levá-los (as), mesmo que temporariamente, a vivenciar o estado de cegueira total, e com isso, propiciar a reflexão crítica sobre a inclusão de todos (as) nas práticas da educação física, a realidade atual deste público e as dificuldades enfrentadas no cotidiano pelas pessoas com algum tipo de deficiência, mais especificamente a deficiência visual. A medida que os pontos são levantados, diversos conceitos e pontos de vista vão se formando e, assim, o professor (a) vai construindo junto com os alunos (as), ideias de igualdade e respeito às diferenças não apenas em relação às pessoas com deficiência visual, mas qualquer tipo de comportamento que venha promover ações preconceituosas e discriminatórias à pessoas com características físicas diferentes da maioria.

## MÉTODO

Essa pesquisa trata-se de um relato de experiência de dois professores de Educação Física do Instituto Federal de Educação do Espírito Santo, lotados nos *Campi* localizados nas cidades de Alegre e Linhares, que traçaram o mesmo plano de ação e desenvolveram o *Goalball* em seus respectivos locais de trabalho, com o objetivo de fomentar a temática da inclusão no cotidiano escolar, levando os (as) alunos (as) a compreenderem melhor a realidade dos deficientes visuais. Para tanto, utilizou-se o método descritivo, exploratório e de natureza qualitativa. A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de questionário semiestruturado, produzido pelos próprios professores, com uma amostra de 52 alunos (as) matriculados regularmente nas disciplina de educação física.

Conforme o Comitê Paralímpico Brasileiro (2010), o *Goalball* é um jogo disputado entre duas equipes constituídas por três jogadores em quadra, mais três jogadores suplentes. A quadra de jogo tem as mesmas dimensões da quadra de voleibol (18m x 9m), porém existem linhas demarcatórias a cada três metros que constituem as zonas de ataque, defesa e zona neutra. Destaca-se que, para essa modalidade, todas as demarcações devem estar em alto relevo para orientação espacial dos jogadores, que por sua vez utilizarão o tato para identificá-las e se locomoverem dentro da quadra, bem como traçarem suas estratégias de jogo. As partidas são divididas em dois tempos de 12min. com intervalo de 3min. As metas de cada equipe se localizam nas linhas de fundo e medem 9m de largura e 1,30m de altura. O objetivo do jogo é marcar o maior número de gols na equipe adversária e impedir que os arremessos adversários se convertam em gols. Os arremessos a gol devem ser feitos com as mãos e devem ser rasteiros. A bola do jogo contém um guizo para que os jogadores se orientem através da audição para impedir as investidas da equipe adversária. Por isso, é de suma importância que haja silêncio durante as partidas.

A proposta teve o objetivo de inserir nas aulas de Educação Física dos cursos técnicos em Informática e Automação Industrial do Instituto Federal do Espírito Santo, *campus* de Alegre e Linhares, respectivamente, um esporte praticado exclusivamente por pessoas com deficiência visual ou cegas, denominado *Goalball*. Paralelamente a esse objetivo, apresentamos o presente relato de experiência a professores de Educação Física, de forma a contribuir para a prática educativa de uma proposta pedagógica inclusiva na tentativa de desmistificar atividades voltadas para pessoas com deficiência visual, bem como as deficiências em sua totalidade. De acordo com Almeida et al. (2008, *apud* NEVES; BRANDÃO; ARAGÃO, 2012), assim, se reconhece a importância da inclusão das pessoas com deficiência nas escolas, a partir da interação entre os dois “mundos”, sobretudo quebrando paradigmas e fazendo com que o professor de educação física estabeleça estratégias de ensino adaptando as suas metodologias para uma aplicabilidade mais humana e social.

## PLANO DE AÇÃO

Inicialmente, os professores apresentaram a proposta de trabalho às suas respectivas Direções de Ensino e solicitação de autorização para a realização da pesquisa. Após a autorização, a proposta de trabalho foi apresentada aos alunos (as), com seus respectivos objetivos. Informamos a todos os alunos (as) envolvidos na pesquisa, que a identidade dos participantes seria mantida em sigilo.

No planejamento da atividade *Goalball*, foi pensado em realizar um “passo a passo” para que não fôssemos surpreendidos com alguma situação que prejudicasse o andamento da atividade. Para tanto, o primeiro passo foi a preparação do material a ser utilizado na atividade, principalmente, os materiais que seriam produzidos para aproximar ao máximo daqueles utilizados oficialmente.

O próximo passo foi calcular o tempo total de execução da atividade e assim os professores concluíram que seria necessário utilizar dois momentos distintos para concretizar a proposta. O primeiro

momento foi necessário apresentar a modalidade, a proposta de pesquisa e a familiarização dos (as) alunos (as) com o *Goalball* através de vídeos, além de dividir as equipes e determinar as funções de cada integrante das turmas.

No *Campus* de Alegre, entendeu-se que seriam necessários cinco períodos para executar toda a atividade, divididos em um período em sala de aula (1ª semana) e mais quatro períodos da parte prática (2ª semana). Como precisaríamos de aulas subsequentes para desenvolver a parte prática, foi necessário solicitar a dois professores suas respectivas aulas que antecederam a aula de Educação Física na 2ª semana, para que toda a atividade pudesse se desenvolver em tempo hábil.

No *Campus* Linhares, além da utilização de um período em sala de aula (1ª semana), também foi necessário solicitar dois períodos a outro professor para executar toda a parte prática (2ª semana). Portanto, para concluir a proposta, também foram necessários cinco períodos de atividade.

## MATERIAIS UTILIZADOS

Em cada *Campus* do Ifes, os materiais utilizados foram: 04 balizas – confeccionadas com 04 latas de tinta (3,6 litros) e 04 canos (40mm) fixados com concreto na altura oficial (1,30m); 02 (dois) pedaços de 5m de elástico para serem amarrados nas extremidades de cada baliza e servirem de travessão; 01 (uma) bola de futebol com guizo (o *Campus* Linhares utilizou 01 bola de basquetebol envolvida por uma sacola plástica para percepção sonora dos alunos); 12 vendas – confeccionadas conforme o molde; 02 (dois) rolos de fita crepe (48mm); 01 (um) rolo de barbante; 12 (doze) coletes – 06 (seis) coletes verdes e 06 (seis) coletes vermelhos; 01 tesoura e 01 placar de mesa. Como espaço físico, utilizamos a quadra de vôleibol do ginásio de esportes de cada campus para execução, já que possuem as mesmas medidas do *Goalball* (18m x 09m), sendo que, as linhas de orientação foram marcadas com barbante e fita crepe para que os (as) alunos (as) pudessem se localizar e se orientar no espaço de jogo.

## EXECUÇÃO DA PROPOSTA

As turmas convidadas para participar do trabalho foram as turmas de 3º ano do curso Técnico em Informática do Campus de Alegre e do 3º ano do curso Técnico em Automação Industrial do Campus Linhares. A dinâmica a seguir foi a mesma seguida nos Campi de Alegre e Linhares, haja vista que os professores decidiram por utilizar o mesmo plano de ação, porém em dias diferentes, de acordo com a disponibilidade de cada professor em suas respectivas unidades de ensino.

Na primeira aula com a turma (1ª semana) tivemos a apresentação da proposta do *Goalball*. Após dialogarmos brevemente a respeito da história do esporte e suas características básicas, assistimos alguns vídeos explicativos sobre as principais regras da modalidade, as características da quadra, o posicionamento dos atletas, as ações táticas, os diferentes tipos de arremessos, os comandos que os árbitros utilizam e suas respectivas ações durante o jogo. Em seguida, realizamos a organização das equipes e a divisão de funções dos demais membros da turma. Ao final desse primeiro momento foi indicado alguns textos e vídeos de apoio como tarefa extraclasse, aos quais os alunos deveriam se apropriar para melhor compreenderem sobre a dinâmica da modalidade. As dúvidas que surgissem poderiam ser sanadas ao longo da semana até momentos que antecedessem a atividade.

No Campus de Alegre, a divisão das equipes e as demais funções dos (as) alunos (as) ficaram assim distribuídas: 02 equipes mistas (compostas por meninos e meninas) com 06 alunos (as) cada; 02 técnicos; 02 árbitros; 01 fotógrafo; 01 câmera; 01 mesário e 01 assistente geral. No Campus Linhares, a divisão se deu da seguinte forma: 04 equipes mistas (compostas por meninos e meninas) com 05 alunos cada; 04 técnicos; 02 árbitros; 02 fotógrafos; 01 câmera; 01 mesário e; 02 assistentes gerais.

Na aula seguinte (2ª semana), sob a responsabilidade dos (as) próprios (as) alunos (as), a primeira parte da atividade foi preparar a quadra de jogo utilizando o barbante e a fita em toda a superfície das linhas demarcatórias da quadra de *Goalball*; fixação das balizas e amarração dos elásticos – essas tarefas foram importantes para melhor compreensão e adaptação ao espaço de jogo e também contribuíram para fortalecer as relações interpessoais e o trabalho em equipe, como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem dos (as) alunos (as).

Em seguida os (as) alunos (as) foram vendados e iniciou-se a fase de adaptação ao estado de cegueira e o reconhecimento da quadra, utilizando pés e mãos com a ajuda dos colegas que atuaram como “guias”, na orientação das demarcações em alto relevo feitas pela fita sobre o barbante. Importante ressaltar que



para estabelecer as mesmas condições de cegueira para todos, evitando qualquer alteração na vendagem dos olhos que pudesse favorecer quando na movimentação durante o jogo, alterando a posição da venda, foi colocado um pedaço de fita crepe sobre as pálpebras dos (as) alunos (as) com os olhos fechados, eliminando qualquer chance de enxergarem algo a sua frente, tornando-os, momentaneamente, cegos e aproximando ainda mais da realidade e da dificuldade enfrentadas pelos deficientes visuais.

Antes de iniciarmos o jogo de *Goalball* propriamente dito, realizamos algumas tentativas simulando diferentes situações de jogo, visando a ambientação das equipes nas ações inerentes ao esporte, bem como a compreensão dos espaços, das regras, dos comandos da arbitragem, das técnicas e táticas de jogo – enfim, um ensaio do jogo e suas possibilidades.

Na sequência, simulamos situações de jogos entre as equipes e, assim, o conhecimento adquirido sobre o *Goalball* foi posto em prática pelos (as) alunos (as) com utilização das regras oficiais e algumas adaptações como forma de vivenciar a modalidade nas condições mais próximas possíveis que os participantes do *Goalball*, deficientes visuais ou cegos o praticam.

Ao final das partidas, como culminância da proposta, realizou-se uma roda de conversa sobre a experiência vivenciada, as dificuldades enfrentadas no cotidiano pelos deficientes visuais, o desenvolvimento de ações inclusivas para pessoas com deficiência nas práticas da disciplina de Educação Física no cotidiano escolar, na sociedade de uma forma geral e a relevância dessa experiência pedagógica na vida pessoal e profissional dos alunos(as) dos cursos técnicos em Automação Industrial e Informática do Instituto Federal do Espírito Santo.

Por fim, foi aplicado um questionário com o objetivo de levantar dados sobre a percepção dos (as) alunos (as) inerentes a modalidade *Goalball* e a educação inclusiva, considerando o conhecimento dos (as) alunos (as) sobre os esportes adaptados e sobre a modalidade *Goalball*; e sobre a importância de utilizar os esportes adaptados nas aulas de educação física como ferramenta pedagógica e sua relação com o processo inclusivo dos alunos com algum tipo de necessidade especial na perspectiva de uma educação inclusiva.

## RESULTADOS

Os resultados obtidos se materializaram por meio de questionário avaliativo aplicado com todos (as) os (as) alunos (as) ao final da vivência prática do *Goalball*. Esse instrumento de coleta de dados, estruturou-se por meio de quatro perguntas, tendo como objetivo diagnosticar e compreender os seguintes pontos: qual era o nível de conhecimento dos (as) alunos (as) sobre esportes praticados por deficientes visuais; qual era o conhecimento dos (as) alunos (as) sobre o *Goalball*; qual a relevância de abordar o *Goalball* nas aulas de educação física; se o (a) aluno (a) considerou a experiência vivenciada uma reflexão sobre o processo inclusivo de indivíduos com algum tipo de deficiência no cotidiano escolar.

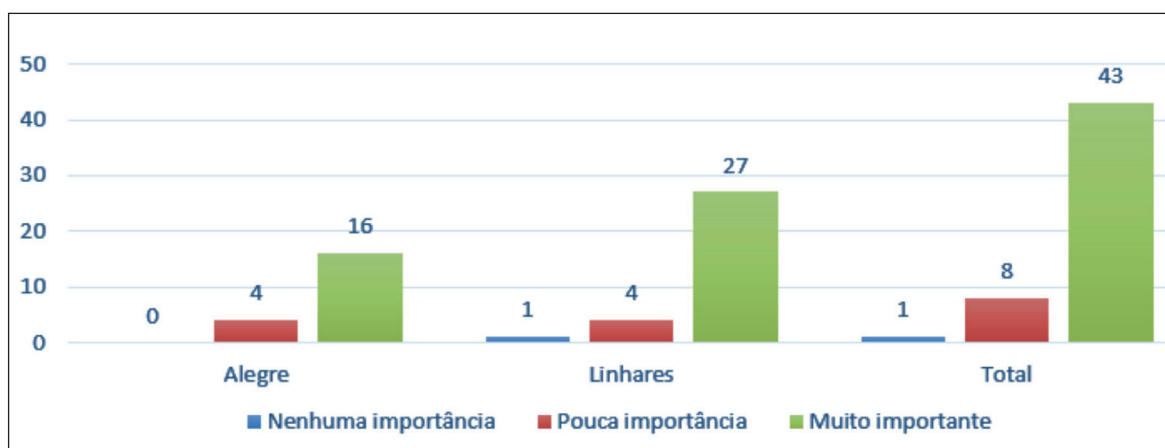
Esta pesquisa teve a participação total de 38 alunos e 14 alunas do Instituto Federal do Espírito Santo. Entretanto, o desenvolvimento do estudo ocorreu nos Campi localizados nas cidades de Alegre e Linhares. No Campus Alegre, a amostra pesquisada compôs-se por: 14 indivíduos do sexo masculino e 06 do sexo feminino regularmente matriculados no 3º Ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio. No Campus Linhares, tivemos 24 indivíduos do sexo masculino e 08 do sexo feminino regularmente matriculados no 3º Ano do Curso Técnico de Automação Industrial integrado ao Ensino Médio. Com base na amostra pesquisada e nas respostas do questionário apresentamos os resultados a seguir:

Em relação ao nível de conhecimento dos alunos (as) sobre esportes voltados para indivíduos com deficiência visual, verificamos que: 32 alunos (as), ou seja, 61,53% não tinham “nenhum” conhecimento, 14 alunos (as), ou seja, 26,92%, informaram que possuíam um “pouco” de conhecimento e apenas 6 alunos (as) ou seja, 11,53%, disseram possuir “bom” conhecimento.

Perguntamos também, qual era o conhecimento que os alunos (as) tinham sobre o *Goalball* e chegamos aos seguintes resultados: 39 alunos (as), ou seja, 75% nunca ouviram falar; 13 alunos (as), ou seja, 25% já tinham ouvido falar, mas nunca haviam praticado a modalidade. Diante disso, descobrimos que nenhum aluno (a) havia praticado o *Goalball* antes dessa pesquisa.

A seguir, questionamos como os (as) alunos (as) classificam a importância da prática do *Goalball* nas aulas de Educação Física. Assim, 01 aluno (a) respondeu que a modalidade não tem nenhuma importância, 08 alunos (as) disseram que a modalidade tem pouca importância, porém, 43 alunos (as), ou seja, 82,69% responderam que é muito importante a prática do *Goalball* no ambiente escolar. Apresentamos esses resultados no gráfico 1.

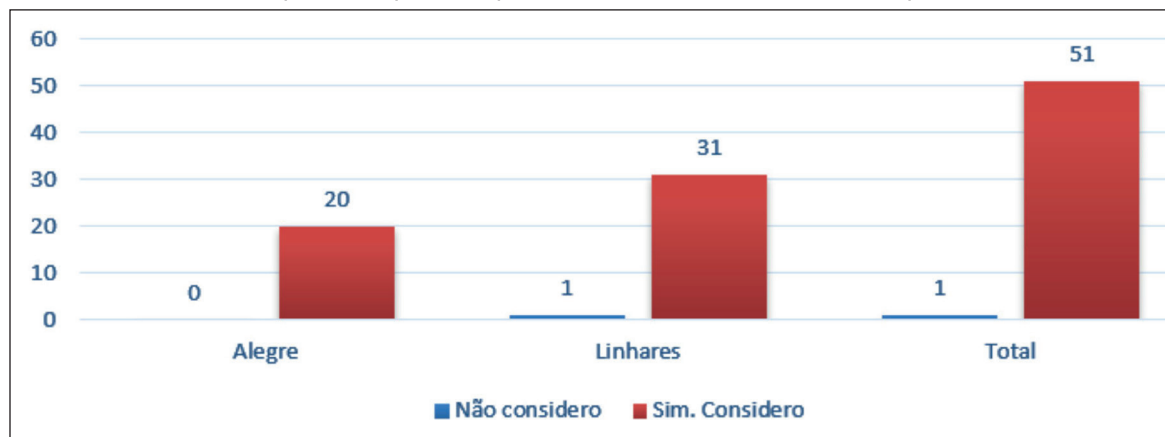
**Gráfico 1** - Importância do *Goalball* nas aulas de educação física?



Fonte: autoria própria.

Finalizamos, perguntando se os (as) alunos (as) consideram que essa experiência prática do *Goalball*, vivenciada nas aulas de educação física, contribui com a reflexão sobre o processo inclusivo de pessoas com deficiência no ambiente escolar. Somente 01 aluno (a) respondeu que não considera, enquanto que 51 alunos (as), ou seja, 98,07% responderam que consideram. Apresentamos esses resultados no gráfico 2.

**Gráfico 2** - Você considera que essa experiência pode contribuir com a reflexão sobre o processo inclusivo?



Fonte: autoria própria.

## DISCUSSÃO

Entre os resultados apresentados por meio do questionário, destaca-se o número elevado de alunos (as) que desconheciam qualquer tipo de esporte praticado por deficientes visuais. Verificamos que a maioria dos alunos (as) pesquisados não tiveram contato com nenhum tipo de modalidade paraolímpica ou esporte adaptado à deficientes visuais. Ao considerarmos à cultura corporal de movimento como base para o desenvolvimento dos conteúdos da educação física escolar, temos o dever de abordar também os jogos e esportes voltados a pessoas com qualquer tipo de deficiência. De acordo com Darido e Rangel (2008, p.38), ao propormos uma educação física inclusiva é necessário considerarmos também os alunos portadores de necessidades especiais como, por exemplo, motoras, auditivas, visuais, respiratórias etc., presentes no ambiente escolar. Assim, precisamos possibilitar ao aluno (a) portador (a) de alguma deficiência a ampla participação nas aulas, como também, promover o conhecimento dos conteúdos existentes para portadores de necessidades especiais nas aulas de educação física.

Além de diversificar os conteúdos da educação física escolar, precisamos estar atentos para que nossa ação pedagógica não se reduza apenas a dimensão procedimental. Precisamos ir além do gesto motor e

fundamentos técnicos dos jogos e esportes. É necessário que abordemos as dimensões conceitual e atitudinal de forma propositiva, a fim de que, os (as) alunos (as) compreendam os sentidos e significados das práticas corporais. O (a) professor (a) de educação física precisa planejar as aulas da disciplina com objetivos de contribuir com a formação integral dos (as) alunos (as) por meio da cultura corporal de movimento.

“O papel da educação física ultrapassa ensinar esporte, ginástica, dança, jogos, atividades rítmicas, expressivas e conhecimentos sobre o próprio corpo para todos, em seus fundamentos e técnicas, mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais. E, finalmente, buscar garantir o direito do aluno de saber porque ele está realizando esse ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (DARIDO; RANGEL, 2008, p.76).”

A execução e desenvolvimento do gesto técnico não pode ser o principal objetivo da aula. Ao contrário, o professor (a) precisa focar sua atenção e objetivos no desenvolvimento do ser humano. Ao aplicar ou propor uma atividade, o professor precisa refletir sobre, quais valores e princípios essa atividade trabalhará? Não podemos reduzir nossa ação pedagógica a simples gestos técnicos esportivos, que ao final do ciclo do ensino médio não contribuirá em nada com o desenvolvimento humano.

Diante disso, verificamos que 43 alunos (as), ou seja, 82,69% disseram que a prática do *Goalball* no ambiente escolar é muito importante, pois, esportes com essa característica, possibilitaria a participação e inclusão de alunos (as) com deficiência visual nas aulas de educação física, como também, os (as) alunos (as) videntes teriam acesso ao esporte normalmente praticado por deficientes visuais.

Assim, ao abordar nas aulas de educação física, um esporte planejado para deficientes visuais, como o *Goalball*, o (a) professor (a) terá ricas possibilidades de abordar conceitos e valores fundamentais a formação humana e social, como, inclusão, tolerância, respeito, trabalho em equipe, superação, confiança, justiça. Além disso, de acordo com Silva (1999, p.59), analisando os movimentos do jogo, o *Goalball*, desenvolve as seguintes capacidades motoras:

#### Quadro 1 - Capacidades Motoras.

|                       |                          |
|-----------------------|--------------------------|
| Concentração          | Força geral e explosiva  |
| Velocidade geral      | Velocidade de reação     |
| Percepção auditiva    | Percepção espacial       |
| Percepção tátil       | Percepção corporal       |
| Percepção cinestésica | Percepção tempo-espacial |
| Resistência           | Equilíbrio               |
| Flexibilidade         | Coordenação              |
| Agilidade             | Memória                  |
| Potência aeróbia      | Potência anaeróbia       |

Fonte: Silva (1999, p.59)

O *Goalball* se tornou uma atividade capaz de melhorar as capacidades sensoriais, motoras, perceptivas, concentração e, consequentemente, qualidade de vida, tanto de deficientes visuais quanto de pessoas que enxergam perfeitamente (AMORIM FILHO; RAMOS, 2010) e BORGMANN; GAVIÃO DE ALMEIRA, 2015). Além disso, grande maioria dos alunos (as) solicitou que a prática do *Goalball* permanecesse após a pesquisa, que outras turmas pudessem ter a oportunidade de vivenciar a modalidade e discutir a inclusão de deficientes em todas as práticas escolares, inclusive as práticas da educação física.

Verificamos também, que 51 alunos (as), ou seja, 98% da amostra total responderam que a experiência prática do *Goalball*, como conteúdo da educação física, possibilita a reflexão dos (as) alunos (as) sobre o processo inclusivo de pessoas com deficiência no ambiente escolar. De acordo com Stainback e Stainback (1999, p.21), a educação inclusiva pode ser definida como a prática da inclusão de todos – independentemente do seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou cultural – em escolas e salas de aulas provedoras, onde as necessidades desses alunos (as) sejam satisfeitas.



A perspectiva pedagógica inclusiva deve nortear todas os conteúdos e propostas metodológicas da escola, com o propósito de contribuir com a formação de um indivíduo que contraponha os comportamentos preconceituosos, excludentes e de desvalorização que os portadores de deficiência enfrentam em seu cotidiano. Vale ressaltar, que no Campus de Alegre tivemos a participação ativa em uma das equipes de uma servidora da Instituição que é cega que, ao ser convidada a participar da atividade, se sentiu prestigiada e se sentiu muito à vontade ao participar do jogo. Contudo, considerou superinteressante o jogo de *Goalball*, apesar de nunca ter ouvido falar, tampouco praticado. Essa devolutiva tornou nossa proposta muito mais enriquecedora enquanto instrumento pedagógico e de efetiva inclusão. Já no Campus Linhares a presença de um aluno surdo atuando como um dos árbitros tornou a experiência muito mais rica para ele e seus colegas de turma. Diante disso, as aulas de educação física podem ser um rico espaço para o diálogo, a diversidade de conteúdos e a participação de todos.

## CONCLUSÃO

Concluimos então, que o *Goalball* pode ser um importante conteúdo da educação física e excelente oportunidade para que os (as) alunos (as) e professores (as) reflitam sobre a relevância da inclusão de pessoas com algum tipo de deficiência na comunidade escolar ou em qualquer outro espaço da sociedade. Os (as) alunos (as) também manifestaram o interesse em conhecer novos conteúdos da cultura corporal de movimento. Além disso, destacamos que a educação física precisa ser um espaço que desenvolva valores fundamentais à formação como: inclusão, solidariedade, cooperação, empatia, trabalho em equipe, superação dos limites, respeito às diferenças, etc. É de suma importância incluir atividades também para pessoas com deficiência no cotidiano das aulas de Educação Física com objetivo de contribuir com a formação integral do indivíduo.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, M.L.D.; RAMOS, G.N.S. Trajetória de vida e construção dos saberes de professoras de educação física. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v.24, n.2, p. 223-238, 2010.
- BORGMANN, T.; GAVIÃO DE ALMEIRA, J.J. **Esporte paraolímpico na escola**: revisão bibliográfica. **Movimento**. ESEFID/UFRGS, v.21, n.1, p.53-68, 2015.
- BRASIL. Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm)>. Acesso em: 27 jul. 2020.
- BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 27 jul. 2020.
- COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Regras Goalball Português**. Associação internacional de desporto para cegos. 2010 – 2013.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS DE DEFICIENTES VISUAIS. [S.I.] [SD]. disponível em :<<http://cbd.v.org.br/goalball>>. Acesso em: 30 jul.2020.
- DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. **Educação física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994, Salamanca-Espanha. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- LENCI, F.G.M.; MULLER, J.M.; MOSQUERA, C.F. **Orientação e Mobilidade fundamentada na Psicomotricidade Relacional**: Estudo de Caso. v.11. São Paulo: Revista Sobama, 2006. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/vol11no12006.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- MANTOAN, M.T.E. **Inclusão escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? 1.ed. São Paulo: Moderna, Coleção cotidiano escolar, 2003.
- NEVES, C.G.B.; BRANDÃO; G.M.; ARAGÃO; M.C. Goalball como prática escolar no modelo de escola

inclusiva. **Anais...** VI COLÓQUIO INTERNACIONAL: “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE” SÃO CRISTOVÃO, SE, 2012. Disponível em: <[http://educonse.com.br/2012/eixo\\_11/PDF/24.pdf](http://educonse.com.br/2012/eixo_11/PDF/24.pdf)>. Acesso em: 29 jul. 2020.

SÁNCHEZ, P.A. A educação inclusiva: um meio de construir escolas para o século XXI. **Inclusão. Revista da Educação Especial**. 2005. p. 11. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao1.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

SILVA, M.T. **Goalball: desenvolvimento de habilidades e capacidades motoras por pessoas portadoras e não portadoras de deficiência visual**.1999. f.59. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 1999.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão**: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Rua Jocelin Gomes, 281  
Centro  
São José do Calçado/ES  
29470-000